

ral de serviço e, com o trabalho digno e construtivo de cada um, a prosperidade legítima lhes renovou o lar, carregando-lhes paz, confiança e júbilos sem fim...

Quantos Benfeitores Espirituais são diariamente compelidos a imitar, no mundo dos homens encarados, a proteção de Santo Antônio?

XXVII

TUDO RELATIVO

Quando o espirito comunicante, cheio de boa vontade, se referiu ao domicilio na vida extra-física, Rafael, um irmão que se caracterizava pelos primores da inteligência, objetou, mordaz:

— Casas no Além? que contra-senso!...

O mensageiro, não obstante desapontado, registou impressões da vida social no "outro mundo". Então, o mesmo cavalheiro ironizou sem pestanejar:

— Ora esta! sociólogos além-túmulo? era o que nos faltava.

O emissário não desanimou. Aludiu aos jardins que lhe cercavam a residência.

— Que é isso? — indagou o investigador que apreciava os sarcasmos sem fim — serão os vasos suspensos de Semíramis? qual! Tudo mera ilusão!... Depois de nossas roseiras espinhosas e de nossos adubos desagradáveis, não há canteiros de fluidos.

A entidade perseverante reportou-se aos institutos de ensino que frequentava. No entanto, o mau obreiro deu-se pressa em considerar:

— Se os "mortos" estiverem sujeitos à luta estudantil, estamos francamente perdidos.

O comunicante não desistiu. Passou a dizer da expectativa sublime que alimentava, aguardando a esposa querida, além do sepulcro. O companheiro irreverente, entretanto, fez-se ouvir na mesma inflexão de zombaria:

— Deliciosa mentira! onde já se viu casamento na esfera das almas?

O portador da mensagem não desfaleceu. Comentou os problemas do corpe sutil que lhe servia,

agora, à consciência. Enumerou as facilidades e os obstáculos que o defrontavam, mas o fraternal inquisidor observou, céptico:

— Espírito não tem corpo. Simples fantasia. Presenciamos fenômenos de puras impressões alucinatórias.

O prestimoso estafeta das boas novas, que vinha do reino espiritual, despediu-se finalmente.

Ante os colegas curiosos e inquietos, o renitente analista esclarecia enfaticamente:

— Mais objetividade! Nada de ilusões! Sou um homem que sabe julgar.

Após o incidente, afastou-se do grupo de trabalhadores do bem. Afirmava-se demasiadamente realista para aceitar, sem maior exame, as descrições dos desencarnados. Situava a concepção doutrinária num campo de absoluta transcendência.

Devotados amigos, bastas vezes, rogaram-lhe a volta aos estudos. Parentes interpunham recursos afetivos, a fim de que retomasse o salutar esforço da crença religiosa. Todavia, foi Rafael impermeável a todas as ponderações. Ouvia os apelos, esboçava gesto brejeiro e arremedava um texto evangélico:

— Dêem à matéria o que é da matéria e ao espírito o que é do espírito. Fora disso, não compreendo a atitude de vocês.

E rematava, orgulhoso de si:

— Não se esqueçam de que sou um homem que sabe julgar.

Veio, porém, o minuto em que foi arrebatado da vida carnal. Desalentado, aflito, estabelecia a própria identidade. Afinal — monologava para dentro, — a mudança não fora tão grande. Mentalmente, sentia-se o mesmo homem. E, no íntimo, não conseguia eliminar o desejo louco de regressar aos negócios, atividades e afetos que o imantavam ao campo humano. Meditava na justiça divina e buscava tranquilizar-se. Não se lembrava de haver praticado o mal com o propósito deliberado de ferir

alguém. Não cometera crime algum. No fundo da alma, contudo, mantinha certa inquietude. Concluía que prejudicara a si mesmo. Não se dera à observação da verdade, tanto quanto devia. Não seria razoável o retorno à zona terrestre, para intensificar indagações? quem sabe? talvez pudesse prover-se de melhores recursos, em benefício da paz interna.

A aproximação de iluminado mensageiro espiritual sustou-lhe a marcha dos pensamentos. Contemplou-o, esperançoso, e pediu, com respeito:

— Benfeitor divino, acudi-me!... Dizei-me onde está a minha propriedade terrestre?

O interpelado respondeu com benevolência:

— Propriedade sua? que enorme equívoco!...

— Meu corpo físico? — interrogou Rafael, choroso.

— Seu veículo de carne, agora, meu amigo, é simples fantasia.

— Meus bens?

O emissário sorriu e ajuntou:

— Se seu tesouro não está guardado no espírito impercível, suas vantagens de outro tempo não passavam de ilusão...

— Minhas apólices, meus títulos? Registavam-me o nome!...

— Para impressão de alguns anos — esclareceu o preposto da realidade divina.

— Meus filhos?

— Eram de Deus, primeiramente, antes de serem encaminhados à sua paternidade provisória.

— Minha mulher? onde está ela? Sempre me obedeceu cegamente. Dar-se-á o caso de haver-me abandonado também?!...

— Sua companheira associava-se com renúncia e bondade ao seu destino, mas nunca foi uma escrava de seus caprichos. Conserva um título de filiação celeste, tanto quanto você mesmo.

— Meu gabinete na cidade, meu sítio no campo, meus documentos, meus interesses...

— Sim, tudo para você, presentemente, é serviço feito, resíduo do passado, que persiste em deter na mente enfermeira, antes de verificar o proveito das lições que viveu no mundo...

— Oh! que horror! — gritou Rafael, apavorado, — como entender tudo isto? quem estará sob o domínio de simples impressões? os que partem da Terra ou os que por lá se demoram? os que "morrem" ou os que "vivem"?

O benfeitor sorriu, de novo, e concluiu:

— Consulte a própria consciência. Como sempre, você é um homem que sabe julgar...

XXVIII

O HOMEM E O BOI

Um anjo de longínquo sistema, interessado em conhecer os variados aspectos e graus da razão na Inteligência Universal, pousou num campo terrestre e, surpreso ante a paisagem, aí encontrou um homem e um boi. Admirou as flores silvestres, fixou os horizontes coloridos de sol e rejubilou-se com a passagem do vento brando, rendendo graças ao Supremo Senhor. Como não dispunha, todavia, de mais larga parcela de tempo, passou à observação direta dos seres que povoavam o solo, aferindo o progresso do entendimento no orbe que visitava.

Examinou as pupilas do homem e descobriu a inquietação da maldade. Sondou os olhos do boi e encontrou calma e paz.

Usando o critério que lhe era peculiar, concluiu de si para consigo que o boi era superior ao homem. Consolidou a impressão quando, para experimentar, pediu mentalmente aos dois trabalhassem em silêncio. O animal respondeu com perfeição, movimentando-se, humilde, mas o companheiro bípede gritou, espetacularmente, proferindo nomes feios que fariam corar uma pedra.

Um tanto alarmado, o anjo recomendou paciência.

O educado bisneto da selva continuou trabalhando, imperturbável e tolerante. Todavia, o irrequieto descendente de Adão estalou um chicote, ferindo as ancas do colaborador de quatro patas.

Acabrunhado agora, diante da cena triste, o sublime embaixador pediu atitudes de sacrifício.

O servo bovino obedeceu, sem qualquer relutância, revelando indiscutível interesse em ser útil,